

Eleitores brasileiros votam por mudanças

por Ivo Dawney
do Financial Times

Em um país onde uma pequena elite baseia seu estilo no modelo da novela de televisão "Dallas" dos Estados Unidos, e a vasta maioria sobrevive com o equivalente a menos de US\$ 100,00 por mês, é inevitável que a primeira eleição presidencial do Brasil por sufrágio universal em 29 anos trate de mudança.

Como se esperava, Fernando Collor de Mello, filho da velha oligarquia do Nordeste, mas comprometido com a reforma liberal, passou para o segundo turno decisivo da eleição em 17 de dezembro.

Seu mais provável desafiante, entretanto, parece ser agora Luiz Inácio Lula da Silva, um ex-líder sindical cujo Partido dos Trabalhadores, socialista, progrediu muito nos últimos 12 meses para controlar os governos municipais de muitas das principais cidades brasileiras.

No entanto, com 30% dos votos contados ontem, os comentaristas ainda não excluíram a possibilidade de que o populista veterano Leonel Brizola pudesse ainda ocupar o segundo lugar e, deste modo, se transformar no desafiante esquerdista a Collor no desempate de dois candidatos.

Em qualquer um dos dois casos, os eleitores parecem ter polarizado o Brasil em um eixo esquerda-direita ortodoxo que os ultraconservadores, principalmente uma larga parcela do setor militar, mais receiam.

Esse grupo de elite, apoiado pelo presidente José Sarney, estava por trás da tentativa de último minuto de lançar como candidato a personalidade de televisão Sílvio Santos, um ato que foi amplamente condenado como manobra cínica para limitar a opção dos eleitores no segundo turno em dois direitistas.

A declaração subsequente, antes da votação, da inelegibilidade de Sílvio Santos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudou a oferecer ao País duas opções nitidamente dife-

rentes. O resultado do primeiro turno de votação também mostra uma notável maturidade por parte da população amplamente analfabeta, apesar de 21 anos de atrofia política sob a ditadura militar de 1964 a 1985.

A campanha de Collor tentará agora caracterizar Lula como este é universalmente conhecido, o principal defensor do coletivismo desatualizado, que claramente ruiu com o Muro de Berlim.

Mas, se Brizola vier a ser o segundo colocado, o ataque será mais pessoal, alvejando o estilo de liderança notoriamente autoritário do ex-governador do Estado do Rio de Janeiro e sua estratégia econômica maldefinida.

Qualquer um dos dois esquerdistas contra-atacará, afirmando que o rival é meramente o velho sistema em roupas novas, o produto vazio de marketing sofisticado.

Ambas as alegações, embora um eco grosseiro da verdade, escondem uma opção bem mais complexa que os eleitores enfrentam agora. Além disso, o terreno está mudando porque os dois candidatos mais bem colocados precisam correr para o centro, onde o socialdemocrata Mário Covas, com a quarta colocação quase garantida na quarta-feira, obteve mais votos do que se esperava.

Até agora, os pronunciamentos de Collor sobre a economia ofereceram poucas novidades favoráveis aos que estão satisfeitos com o "status quo". Ele defendeu a privatização, o corte de subsídios e incentivos fiscais, e um maior papel para as empresas estrangeiras e as importações, para promover a concorrência entre os cartéis notoriamente fechados do Brasil.

Isso não constitui um programa de mudanças. Na verdade, alguns comentaristas afirmam que tanto Lula como Brizola estão muito mais em sintonia com o antigo regime quando se trata do papel do Estado.